

Eva Batličková

Saul segundo Flusser: um excuro quase arqueológico

Mil flechas frias, gélidas,
apontadas contra o coração,
insensível, morto.

Vilém Flusser: Saul

1. A longa história de uma ideia

Para muitos, Vilém Flusser é um teórico das mídias, que entrou para a história do pensamento em 1983 com o livro *Filosofia da caixa preta*, traduzido para mais de vinte idiomas. Nesse ano, o pensador completava 63 anos, e havia se passado exatamente 20 anos da publicação de seu primeiro livro, *Língua e realidade*.

Vinte anos é muito tempo na vida de um homem e, naturalmente, os dois livros foram concebidos em condições totalmente diferentes. Na década de oitenta, Flusser, radicado na Provença, desfrutava fama considerável e recebia convites para palestrar em vários lugares do mundo. *Filosofia da caixa preta* é fruto dessas atividades. Enquanto suas monografias possuem uma estrutura complexa, o objetivo das palestras é, evidentemente, a maior clareza possível. Assim nasceu um best-seller que ganhou sua primeira edição em língua alemã. Desde então, o nome de Flusser está vinculado principalmente com o conceito de imagem técnica.

Na década de sessenta, por sua vez, o pensador vivia outra situação. Apenas nessa época, aos 43 anos de idade, finalmente conseguia sua inserção no meio acadêmico brasileiro. *Língua e realidade*, escrito em português, nasceu das reflexões e estudos a respeito do poder da língua na formação da nossa realidade. Flusser, já neste primeiro livro apresentado ao público, é o mestre da forma. Em seu longo ensaio, ele constrói um gênero científico-literário onde tema e forma se entrelaçam, formando uma estrutura de diversas camadas. Nem todas, porém, são sempre decifráveis à primeira leitura. Fato que costuma atrair uma série de leitores e confundir outra série de críticos acadêmicos.

Mas *Língua e realidade* não é o primeiro livro escrito por Flusser. Em 24 de setembro de 1951, redige uma carta para David Flusser, seu primo que assim como ele saiu de Praga ocupada pelo exército nazista, radicando-se em Jerusalém, tornando-se alguns anos depois

um dos maiores especialistas no cristianismo primitivo. Nela, descreve o projeto de uma obra na qual começou a trabalhar, *Geistesgeschichte des 18. Jahrhunderts* (*A história do pensamento do século XVIII*). Sua ideia era buscar as raízes da catástrofe histórica que tão profundamente marcou o século XX. Esta primeira monografia de Flusser não se preservou até os nossos dias. O que se manteve, no entanto, é a preocupação central presente na maioria de suas obras: desvendar e deixar transparecer os mecanismos de manipulação que a cultura ocidental exerce sobre seus membros.

Existe, porém, um material no espólio intelectual de Flusser mais antigo ainda. Escreve-se o ano 1935 ou talvez 1936, Vilém então com 15 ou 16 anos mora em Praga com sua família, judeus intelectuais inseridos na sociedade tcheca por séculos. Deste período vem uma peça de teatro lírica de tensa atmosfera existencial, escrita em alemão: *Saul*.

Saul bíblico é o primeiro rei do povo de Israel, um rei fracassado que não tem culpa no fato de ter sido designado. Sua história não é uma história de herói, mas uma história da tragédia humana. E pior, uma tragédia anunciada. Na época, quando foi concebido o maior genocídio do povo judeu, não poderia ser escolhido personagem melhor para exprimir tamanha angústia.

Na peça, reflete-se o momento da vida de Flusser, uma vivência existencial que mais tarde se tornará pilar fundamental de suas teorias.

2.1. Saul

A peça do jovem Flusser desenvolve-se num clima angustiante de um sonho lírico delirante. Na cena se encontram personagens bíblicos masculinos como Saul, Moisés, Davi e Samuel, com figuras femininas como a esposa de Saul, sua mãe ou uma moça no prado. As mulheres da peça estão relacionadas com a noite, cujas trevas remetem ao mítico, à terra, à paz conciliadora, ao sonho. O mundo masculino, por sua vez, está ligado com o dia, a luz, Deus universal, a história, a violência e o sofrimento. Monólogos desenvolvem-se em forma de gêneros literários bíblicos, como lamentações, hinos, discursos versados. O jovem autor parafraseia trechos canônicos, preenchendo-os com novas conotações e mostrando o lado da experiência humana da história bíblica. Saul vive sua tragédia como qualquer outro homem mortal, obrigado a desempenhar na história um papel que não escolheu. Seu sofrimento é maior do que consegue suportar.

Nas suas anotações, Flusser se preocupa com os efeitos visuais das cenas, baseados, sobretudo, na iluminação variada do palco, geralmente vazio, no qual os personagens se revezam em seus monólogos. Na primeira cena, uma fraca luz azul ilumina dois atores, Saul e sua esposa, concentrando-se em seguida apenas em Saul, deixando a mulher praticamente desaparecer. É ela, no entanto, que inicia a peça com sua fala dirigida à Noite:

Ah, noite, recosta-te silenciosamente sobre nós, aqui em baixo
e nos cubra com teu mágico manto de diamantes
e concilia luz e sombra
e bem e mal, morte e vida.
Com as gotas vindas de tua alma regue nosso sofrimento,
com a brisa vinda de tua alma refresque nossa alegria,
tu que nutres tudo, tu, mãe, [...]¹

A noite, o símbolo das trevas, é chamada de mãe na peça de Flusser. A luz do dia parte do Deus universal.

Dia, tu conquistas o mundo. Com os braços sangue rubros, sangue dourados,
tu interferes no correr do mundo inteiro, sendo seu juiz e carrasco.²

Moisés, o único profeta bíblico que teve contato direto com Deus, o único que na história bíblica consegue sobreviver a esse contato, no texto de Flusser, mantém sua coragem, intimidade com Deus e consciência do peso de pertencer a um povo escolhido para servir a Deus.

[...] então saibas,
pois poderoso é teu braço e forte tua palavra.
Tu vingará os pecados dos pais ainda nos filhos,
até a terceira e a quarta geração cobrarás teu soldo.
Enormes construções erguerás para ti de arbustos de papiro
e elegerás Israel para esse trabalho escravo.

¹ O, neige, Nacht, dich leise auf uns nieder / und decke uns mit deinem Zaubermantel / dem diamantenen und gleiche Licht und Schatten / und Gut und Böse, Tod und Leben aus. / Mit deinen Seelentropfen netze unser Leiden, / mit deinem Seelenhauch umwinde unsere Freuden, du Allernährende, du Mutter, [...]

² Tag, du erobert die Welt. Mit blutoroten, blutgoldnen Armen / greifest ins Weltengeschehn richtend und strafend du ein.

A maior de todas as construções, suportada por suor e sangue,
ficará escarnejada pelo tempo, esse teu palácio divino.

Dentro morarás, sem forma, sem sangue, solitário.

[...]

Pois tu conservaste para mim meu povo Israel, coroa das nações,
tu fizeste meu povo eterno, coveiro do tempo.³

Saul de Flusser é a encarnação da fragilidade humana. O jovem autor ainda reforça este traço, deixando transparecer sua ligação com a família: a peça inteira começa com o monólogo de sua esposa e a lamentação de Saul dirigida à mãe é uma das mais longas falas poéticas do texto. Na parte abaixo, reflete-se a profunda saudade de Saul.

Mãe. Deixe descansar

meu rosto aflito no teu avental.

Mãe, mãe, deixe-me ficar junto a ti,

deixe-me beijar tuas rugas,

deixe-me respirar teu amor.

[...]

Mãe, mas tuas mãos,

essas mãos endurecidas de trabalho,

essas mãos maternas preocupadas,

como falavam, como foram beijadas.

E a língua de tuas mãos,

mãe, é a mais bela língua,

que um homem pode entender.

Ainda te lembras o que falavam,

ainda te lembras, oh mãe? ⁴

³ [...] so wisse, / mächtig ist doch dein Arm und gewaltig dein Wort. / Rächen wirst du die Sünden der Väter noch an den Kindern / bis ins vierte Geschlecht fordern wirst du den Sold. / Riesige Baten wirst du dir schaffen aus Papyrusstauden, / und erküren wirst du Israel hiezu zum Fron. / Grösser als sämtliche Bauten, gekittet mit Schweiss und mit Blute, / zeitenverspottend wird stehen dieser dein Gottespalast. / Wohnen wirst du darin, gestaltlos, blutlos und einzig. / [...] / Denn du erhältst mir mein Volk, mein Israel, Krone der Völker, / Ewig machst du mein Volk, Totengräber der Zeit.

⁴ Mutter. / Lass in deinem Schosse / mein gequältes Antlitz ruhn. Mutter, Mutter, lass mich zu dir, / lass mich atmen deine Liebe. / [...] / Mutter, aber deine Hände, / aber deine Hände, Mutter. / Diese arbeitsschweren, diese sorgenschweren Mutterhände, / wie sie sprachen, wie sie küssten. / Und die Sprache deiner Hände, Mutter, ist die schönste Sprache / die ein Mensch verstehen kann. / Weisst du noch wovon sie sprachen, / damals, weisst du noch, o Mutter?

A figura que contrasta com Saul no palco é Davi. A perfeição de Davi, incontestável no capítulo de *Saul e Davi* do *Primeiro livro de Samuel*, na peça de Flusser adquire outro significado. O potencial supra-humano do herói bíblico é perverso no contexto da vida de um homem comum. A ligação de Davi com o povo é um acidente histórico e geográfico. O que lhe é essencial é sua relação com o divino. Ele está além do bem e do mal no contexto do nosso universo.

Grande Iahweh, grande Iahweh, grande Iahweh, pelo teu poder.
 E tu me seguras em teus braços,
 louvarei tua misericórdia,
 grande Iahweh, grande Iahweh, grande Iahweh, no meio da noite.
 [...]
 Alá é grande, Alá é grande, é grande a majestade de Alá.
 E tu me seguras em teus braços,
 louvarei tua misericórdia,
 Alá é grande, Alá é grande, é grande a majestade de Alá.⁵

2.2. Interlúdio: Saul bíblico

No *Primeiro Livro de Samuel*, o povo de Israel pede um rei para lhe garantir segurança nas guerras contra os filisteus. A solicitação causa grande desagrado não apenas ao sacerdote Samuel, que media o contato entre os hebreus e seu Deus, mas a próprio Iahweh. Em princípio, ter um rei é contra as prescrições divinas que o povo de Israel recebeu: “Eu sou Iahweh, vosso Santo, o criador de Israel, vosso rei.” (Is. 43:15) Quando Deus atende ao pedido, entendemos logo que a instituição do rei deve ser um castigo pelos pecados de Israel, no sentido “tenham o que merecem”.

O rei, então, é indicado por Deus: Saul, um homem jovem, belo e o mais alto de todos. As características conforme as quais o primeiro rei de Israel é escolhido são exclusivamente físicas. Parece que Saul foi escolhido a partir de um imaginário infantil: um homem belo e o mais alto. Este fato torna-se ainda mais gritante se comparado com o procedimento da

⁵ Grosser Jahve, grosser Jahve, grosser Jahve durch deine Macht. / Und du hältst mich in den Armen, / preisen will ich dein Erbarmen, / grosser Jahve, grosser Jahve, grosser Jahve in der Nacht. / [...] / Gross ist Allah, gross ist Allah, gross ist Allahs Majestät. / Und du hältst mich in der Armen, / preisen will ich dein Erbarmen, / gross ist Allah, gross ist Allah, gross ist Allahs Majestät.

escolha do segundo rei de Israel, David. Nessa ocasião, Deus explica para Samuel: “Não se trata daquilo que vêem os homens, pois eles vêem apenas com os olhos, mas Iahweh olha o coração.” (1Sm.16:7) David tornou-se soberano pelo seu coração, pelo seu caráter, pela sua personalidade, enquanto Saul pelas evidentes características físicas.

E Saul, realmente, em nenhum momento apresenta qualidades morais que se possam esperar de um rei. Muito pelo contrário, ele é uma das figuras mais passivas que encontramos na Bíblia. No primeiro momento, é seu pai Cis que lhe dá ordens, pedindo-lhe para procurar jumentas perdidas e trazê-las de volta. Solicita também que Saul leve um jovem servo junto. Não encontrando os animais, Saul sugere ao servo voltar para que seu pai não fique preocupado. Dessa vez, é o servo quem recomenda visitar “um homem de Deus na cidade próxima” para ajudá-los a tomar a decisão. Saul continua hesitante por não ter como pagar pela profecia e novamente é o servo que aparece, tanto com a solução como com a quantia necessária. O futuro rei não tem iniciativa própria nesta narrativa e sua história continua no mesmo molde. Saul mostra-se desconfiado quando Samuel revela que foi designado para ser rei. O sacerdote explica que foi a vontade divina e descreve passo por passo o que Saul deveria fazer nos dias que se seguirão. O ápice dos próximos acontecimentos é um transe em que o jovem deve entrar: “Então o espírito de Iahweh virá sobre ti, e entrarás em transe com eles [profetas] e te transformarás em outro homem.” (1Sm.10:6) Saul, que até o momento recebia ordens do pai e atendia sugestões de um servo, será transformado por meio de transe em um novo homem para que se possa tornar o rei. E, para não ser pouco, embora Saul tenha cumprido todas as exigências de Samuel, na hora do sorteio, quando é indicado como rei, esconde-se no meio das bagagens.

Por fim, Saul torna-se o rei do povo de Israel. Um dos seus poucos grandes momentos na história bíblica é a vitória contra os amonitas. No entanto, novamente seria vão procurar iniciativa própria no novo rei. Na Bíblia, é “o espírito de Deus [que] caiu sobre ele, e ele se encheu de cólera.” (1 Sm.11:6) Despedaçou um boi, enviou pelos mensageiros a todo o território de Israel, assustando aqueles que se atreveriam a recusar a participar de sua expedição militar. Apenas assim ele consegue “sua” vitória. Mas logo no próximo combate, Saul, dessa vez sem ajuda de “o espírito de Deus”, fica completamente desorientado. O povo, com medo dos filisteus, o abandona, Samuel não chega na hora combinada ao encontro, e Saul oferece então um holocausto que não está de acordo com as prescrições divinas. Samuel, que no final aparece, o chama de insensato, avisando-o, que “Iahweh já achou um homem conforme seu coração, e o instituiu para chefe do seu povo [...]” (1Sm.13:14) Ou seja, Deus havia escolhido um outro rei ainda antes de Saul ter cometido

seu primeiro erro. Aliás, logo seguido de outro, quando deu ouvidos ao povo e não cumpriu a ordem de Deus.

Para Saul errar, é suficiente a falta da presença do espírito de Deus. Por conta própria, ele sempre age de maneira equivocada. Esse é um traço completamente diferente de Davi nesse episódio bíblico. Davi do *Primeiro livro de Samuel* jamais cai em transe e jamais o espírito de Deus precisa entrar dentro dele. Os atos de David são sempre em perfeita harmonia com a vontade divina.

A passividade de Saul vai tão longe, que até seu sofrimento tem origem externa: “O espírito de Iahweh tinha se retirado de Saul, e um mau espírito procedente de Iahweh, o atormentava.” (1Sm.16: 14) O sofrimento de Saul que se segue não é assim o fruto das consequências dos seus atos que mereceriam castigo, mas de uma troca que acontece dentro de seu corpo: o espírito de Deus cede lugar para um mau espírito. A impotência de Saul perante as forças que o governam é extrema.

Saul definitivamente fracassou como um rei. No entanto, tudo o que desclassifica Saul no papel do rei bíblico, na peça de Flusser recebe um sentido profundamente humano. Ele é tão inseguro, indeciso e vulnerável como todos nós.

2.3. De volta à cena

Saul, em seus últimas declamações no palco, aparece, de acordo com anotações de Flusser, em forma de uma silhueta escura que se reflete na cortina, contornada por um círculo luminoso sobre o fundo escuro. A figura de Saul está atormentada com o peso da luz que o “esmaga”:

Poder radiante,
que levo no meu coração,
tu me devoras.
Tua palavra dentro de mim,
tire-a de mim,
ela me devasta.
Ela urra no meio da noite,
no meio da noite, no meio da noite,
ela me destrói.

[...]

Minha razão está falindo,
Depositaste tua preciosa escolha dentro de um verme.
Senhor, eu não quero ser tua luz.
Devolva minha escuridão.⁶

Um pouco antes de Saul morrer, uma voz do escuro declama:

Mil flechas frias, gélidas,
apontadas contra o coração,
insensível, morto.⁷

No drama existencial de Flusser, o humano dentro do personagem bíblico foi abatido e destruído muito antes da morte física. O sofrimento e o desespero são os verdadeiros assassinos.

A oposição entre escuridão e luz torna-se bastante clara no decorrer da peça, assim como seu papel na vida de um mortal. Num dos momentos finais da parte lírica, jovem autor deixa falar a própria Noite:

Veja, como o mundo avança contra mim, sua mãe,
com mil dedos apontados contra mim,
como mil punhais matricidas,
eles não sabem que lutam contra si mesmos.

[...]

E tudo, tudo foi apenas um sonho,
um sonho rubro escuro sobre espaço e tempo
e amor e Deus.⁸

⁶ Die Strahlenmacht, / die du in mein Herz gebracht, / verzehrt mich. / Dein Wort in mir, / nimm es ab von mir, / es verheert mich. / Es brüllt in der Nacht, / es zerstört mich. / [...] / Mein Gehirn versagt, / da du den Wurm der Auserwähltheit hineingesetzt hast. / Herr, ich will nicht deine Leuchte sein. / Gib mir meine Dunkelheit wieder.

⁷ Tausend kalte eisige Pfeile, / richten sich gegen das Herz, / gefühllos, tot.

⁸ Sieh, wie die Welt gegen mich stürmt, seine Mutter, / mit tausend Fingern weisend gegen mich / wie mit tausend muttermörderischen Dolchen, / nicht wissend, dass sie sich selbst bekämpft. / [...] / Und alles, alles war nur ein Traum, / ein dunkelroter Traum von Raum und Zeit, / und Liebe und Gott, / und Leben und Tod.

Na última parte, a peça sofre uma reviravolta. A cena se ilumina com lâmpadas elétricas e a poesia bíblica é substituída pela prosa do século XX. Desenvolve-se um diálogo entre um médico, que examina o cadáver de Saul que jaz no palco e um homem “de roupa de passeio”, que questiona suas afirmações. Saul com sua história trágica e sofrida, é reificado. Ele se torna um inerte objeto científico.

Médico: Febre nervosa. Ele deve estar morto há pelo menos duas horas.

Outro: Febre nervosa? Também uma solução, inclusive divertida [...] Há outras opiniões a respeito da morte de Saul.

Médico: Não tenho nenhuma aspiração à originalidade. Minha avaliação não é nem poética nem filosófica, apenas verdadeira.

[...]

Médico: E qual então a base mais profunda da causa da morte de Saul?

Outro: Saul teve, como todo homem, de optar entre a divinização da Natureza e a naturalização de Deus. O que é original em Saul é que ele não se decidiu nem para um nem para outro, tampouco em ficar neutro, mas escolheu um terceiro caminho. Esse é, se me der licença, uma divinização do Eu. Ou, melhor dito, uma renúncia do mundo em torno e uma acomodação dentro de si mesmo.

[...]

Médico: Não vou discutir com você. O que pretende fazer com Saul agora?

Outro: É você que pergunta, um médico? Há ordens dos procedimentos sanitários de nosso país e da época na qual vivemos. Enterrar.⁹

3. O eterno retorno

É importante lembrar, que Vilém redigiu seu texto quando a constituição alemã privou da cidadania todos os judeus e proibiu por lei aos alemães “misturar seu sangue com o

⁹ Arzt: Nervenfieber. Er muss mindestens zwei Stunden tot sein. / Der andere: Nervenfieber? Auch eine Lösung, und sogar eine geistreiche [...] Es gibt andere Meinungen über den Tod Sauls. / Arzt: Ich erhebe keinen Anspruch auf Originalität. Meine combination ist weder poetisch noch philosophisch, sondern nur wahr. / [...] / Arzt: Und welches ist demnach der tiefere Grund, der den Tod Sauls bewirkt hat? / Der andere: Saul hat, wie jeder Mensch, zwischen der Vergötterung der Natur und der Vernatürlichung Gottes zu wählen. Das Originelle an Saul ist, dass er sich weder für das eine oder andere entscheidet, noch neutral bleibt, sondern einen dritten Weg wählt. Dieser ist, wenn Sie wollen, eine Vergötterung des Ich. Oder richtiger eine Abkehr vom Umgebenden und eine Einkehr ins Eigene. [...] / Arzt: Ich will mit Ihnen nicht streiten. Was wollen Sie jetzt mit dem Saul machen? / Der andere: Das fragen Sie, der Arzt? Die sanitären Bestimmungen unseres Landes und Zeit, in der wir leben, schreiben es vor. Begraben.

judaico”, ou seja, em uma atmosfera na qual a solução final começava a ganhar os primeiros traços de seu desenho ideológico. A tragédia de milhões de famílias judaicas, entre elas a de Flusser, ainda não estava consumada, mas já era anunciada.

Em 1983, Flusser não publicou apenas *Filosofia da caixa preta*. Neste ano, no Brasil, saiu uma outra coletânea de seus ensaios, *Pós-história*. Aqui encontramos um breve e impactante texto, *O chão que pisamos*, no qual o filósofo tematiza o Holocausto: “[...] toda tentativa para captar atualidade desemboca na pergunta: como era possível Auschwitz? Como viver depois disto?” (Flusser, 2011: p.20) E não hesita em esclarecer seu ponto de vista: “Auschwitz é realização característica da nossa cultura. [...] Brota diretamente do fundo da cultura, dos seus conceitos e dos seus valores. [...] Está no programa inicial do Ocidente, o qual vai realizando todas as suas virtualidades, na medida em que a história vai se desenrolando.” (Flusser, 2011: p.21)

As teorias de Vilém Flusser, sejam elas denominadas de teoria da mídia, da pós-história ou da linguagem, partem de sua experiência pessoal com um dos aparelhos ideológicos mais assassinos da história humana, o nazismo. Mas sua mensagem vai muito além de um desmascaramento de um evento histórico. Nos seus textos mais engajados está sempre presente a advertência de que os aparelhos com mecanismos mais ocultos ou dissimulados, não são menos perigosos do que aquele que lotou a capacidade dos fornos crematórios nos campos de extermínio.

Referências bibliográficas:

- Flusser, Vilém; Flusser, David. Correspondência (1949-1991), inédito.
- Flusser, Vilém. *Filosofia da caixa preta*, São Paulo: Annablume, 2011.
- Flusser, Vilém. *Língua e realidade*, São Paulo: Annablume, 3ª edição, 2007.
- Flusser, Vilém. *Pós-história*, São Paulo: Annablume, 2011.
- Flusser, Vilém. *Saul*, inédito (escrito por volta de 1935, 1936).
- Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 7ª impressão, 2011.